



## DENOMINAÇÕES PARA SOVINA NOS ATLAS LINGÜÍSTICOS DE PERNAMBUCO E DA PARAÍBA: UMA ANÁLISE DIATÓPICA E METALEXICOGRÁFICA BASEADA EM DICIONÁRIOS PRODUZIDOS A PARTIR DO SÉCULO XVIII

Edmilson José de Sá

*Centro de Ensino Superior de Arcoverde*

### RESUMO

Este artigo almeja analisar as denominações para sovina em atlas linguísticos construídos em estados do Nordeste, amparando-se em obras lexicográficas de Bluteau (1728) a Ferreira (2010) e, apropriando-se do método geolinguístico, delimitar campos onde as variantes se apresentam mais acentuadamente. Desse modo, pretende-se cotejar os dados do Atlas Linguístico da Paraíba (ARAGÃO; MENEZES, 1984) e do Atlas Linguístico de Pernambuco (SÁ, 2016) com os itens dicionarizados, de modo a verificar como são tratados os regionalismos, diacrônica e diatopicamente e, dessa maneira, perceber convergências e divergências entre eles. A análise permitiu constatar que alguns itens lexicais registrados nos atlas divergem do que os dicionários anunciam. É necessário, então, considerar as acepções regionalistas na atualização lexicográfica.

**Palavras-chave:** Sovina; Geolinguística; Atlas Linguísticos; Metalexigrafia.

### ABSTRACT

This article aims to analyze the denominations for stingy in linguistic atlases built in states of Northeast, using lexicographical works from Bluteau (1728) to Ferreira (2010) and appropriating of the geolinguistic method, delimitate fields where the variants appear more accentuate. So, it is intended to collate the Paraíba's Linguistic Atlas (ARAGÃO; MENEZES, 1984) and the Pernambuco's Linguistic Atlas (AUTOR, 2016) data with the dictionaried items, in spite of verifying how the regionalisms are treated diachronically and diatopically and, this way, to realize convergences and divergences among them. The analyses permitted to confirm that some lexical items registered in the atlases diverge from what the dictionaries preconize. So, it is necessary to considerate the regionalist meanings at the lexicographic update.

**Keywords:** Stingy; Geolinguistics; Linguistic atlases; Metalexigraphy.

**Edmilson José de Sá** é professor de Língua e Literatura; colaborador no Profletras - UPE - câmpus Garanhuns.

E-mail: [edjm70@gmail.com](mailto:edjm70@gmail.com)



## INTRODUÇÃO

Para que se obtenha um perfil adequado e fiel do português brasileiro, seja falado ou escrito, é necessário que a descrição da língua abranja dimensões inerentes à fala espontânea, concretizada em variantes da pronúncia, do vocabulário e da organização sintagmática. Nesse sentido, os trabalhos dialetais construídos por equipes de pesquisadores ou como produtos de monografias, dissertações e teses já oferecem uma visão extensa do repertório linguístico que, muitas vezes, não se confirma em dicionários ou, caso ocorra, apresenta sentidos dessemelhantes.

Desse modo, concorda-se com Isquierdo (2007) e Fajardo (1996; 1997) quando veem a necessidade de os lexicógrafos se valerem dos resultados de pesquisas dialetais registrados sobretudo nos atlas linguísticos para atualizarem as variedades regionalistas nos dicionários.

Como inspiração para tais mudanças, este trabalho tem o intuito de verificar como o léxico registrado em quatro atlas linguísticos de falares nordestinos, priorizando os Estados da Paraíba e de Pernambuco, é tratado nos dicionários de Bluteau (1728), Pinto (1832), Figueiredo (1913), Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Michaelis (2015). Para tanto, será explorado o tratamento dado às variantes para *sovina*, pertencentes ao campo semântico comportamento e convívio social.

Assim, de posse das notas enciclopédicas, serão verificadas as similitudes ou disparidades entre os conceitos encontrados nos dicionários, as abordagens diatópicas dos regionalismos e o sentido encontrado nos *corpora* dos atlas linguísticos nordestinos.

O trabalho está organizado com a seguinte estrutura: de início, será traçado um panorama

sobre o léxico e suas relações com a lexicografia e a metalexicografia, com ênfase para os falares regionais; em seguida, será apresentado um retrospecto sobre Dialectologia e Geolinguística de modo a compreender a interface com as ciências do léxico tratadas neste artigo enquanto, na sequência, serão apresentados os atlas usados para captação dos dados e a descrição do campo semântico selecionado, adentrando na metodologia usada para analisar as denominações mais acentuadas nos atlas e sua distribuição nos dicionários supracitados. Após a análise e as discussões, serão tecidas considerações epilogais.

## 1 PANORAMA DAS CIÊNCIAS DO LÉXICO: LEXICOGRAFIA E METALEXICOGRAFIA

A lexicografia e a lexicologia têm um objeto comum de estudo para a descrição do vocabulário de uma língua. A diferença essencial entre elas se encontra no grau de sistematização e completude. O primeiro aspecto destina-se à sistematização, revelando características de palavras. Já o segundo busca a descrição semântica formal e funcional de todas as palavras individuais. Em termos mais específicos, Casares (1992, p. 11) diferencia as duas ciências da seguinte maneira:

Da mesma forma que podemos distinguir uma ciência da gramática e uma arte da gramática, podemos distinguir duas faculdades, que têm por objeto comum a origem, a forma e o significado das palavras: lexicologia, que estuda esses temas do ponto de vista geral e científico, e a lexicografia, cujo papel, principalmente utilitário, é justamente definido em nosso léxico como 'a arte de compor dicionários' (tradução nossa).<sup>1</sup>

Numa perspectiva mais multidisciplinar, tem-se, ainda, a metalexicografia ou lexicografia

<sup>1</sup>De igual manera que distinguimos una ciencia de la gramática y un arte de la gramática, podemos distinguir dos facultades, que tienen por objeto común el origen, la forma y el significado de las palabras: la lexicología, que

estudia estas materias desde un punto de vista general y científico, y la lexicografía, cuyo cometido, principalmente utilitario, se define acertadamente en nuestro léxico como el 'arte de componer diccionarios'.



teórica, em cujo espaço são inseridas abordagens advindas de outras linhas de investigação linguística a exemplo da semântica, da morfossintaxe, que se unem metodologicamente num arranjo específico, estruturado por Morkovikin (1992, p. 359)<sup>2</sup>:

A teoria lexicográfica tem vários componentes, entre eles: a) estudo da extensão, do conteúdo e da estrutura do conceito de Lexicografia; (b) a lexicologia dicionarista, ou seja, aquela que serve como base para criar os trabalhos lexicográficos; (c) estudo de gêneros e tipos de dicionários; (d) a teoria dos elementos e parâmetros de um dicionário; (e) estudo dos fundamentos da criação de obras lexicográficas e a informatização da obra lexicográfica; (f) a teoria das fichas e do desenvolvimento de materiais primários; (g) planejamento e organização da obra lexicográfica; (h) criação e delimitação das regras lexicográficas.

Desse modo, admite-se a visão encontrada em Borba (2003, p. 15) acerca dos aspectos abalizados pela lexicografia, na qual também se insere a metalexigrafia:

- a) Técnica de montagem de dicionários, ocupando-se de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definidores, estrutura de verbetes, critérios para remissões e registro de variantes;
- b) Numa visão mais teórica, consiste em estabelecer um conjunto de princípios que permitem descrever o léxico – total ou parcial – de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes.

Partindo da necessidade de amalgamar a Lexicografia com a Geolinguística, pela pertinência de se analisarem aspectos inerentes à verificação de regionalismos condizentes ou não com o espaço geográfico onde realmente se registram, é pertinente assimilar que os estudos do léxico podem ser facilmente ampliados não apenas pelos mecanismos de estruturação mórfica a que toda lexia está sujeita, mas por processos enriquecedores, destacados por Borba (2003, p. 119) como *neologismo* e *empréstimo*.

Para o autor, a criação neológica ocorre seguindo dois parâmetros, a recontextualização de palavras em circulação e consequente aparecimento de nova acepção, como também a incorporação de novos itens ao léxico geral. No primeiro caso, contudo, tal criação é ocasionada pela interferência social da língua, enquanto o segundo caso pode ser realizado pela simples aplicação da regra morfológica ou empréstimos de línguas com que mantém contato.

Não é possível tratar de léxico sem adentrar na questão semântica, já que a circulação de lexias de uma língua se caracteriza tanto pela *renominação*, multiplicando os itens léxicos, como pela *polissemia*, multiplicando as acepções. Além disso, vale a pena lembrar a dicotomia *sinonímia* / *paronímia*, que tem na primeira a equivalência de significado e na segunda, a semelhança fônica entre lexias.

Valendo-se da ideia de Biderman (2001, p. 13) de que “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”, foi possível, neste tópico, visualizar um pouco do propósito da lexicografia e da visão teórica apreendida pela

---

<sup>2</sup> La teoría lexicográfica tiene varios componentes comprendidos entre ellos: a) el estudio de la extensión, el contenido y la estructura del concepto de lexicografía; b) la lexicología dicionarista, es decir, aquella que sirve de base para crear las obras lexicográficas; c) el estudio de los géneros y tipos de diccionarios; d) la teoría de los elementos y parámetros de un diccionario; e) el estudio

de los fundamentos de la conformación de obras lexicográficas y de la computarización del trabajo lexicográfico; f) la teoría del fichado y conformación de materiales primarios; g) la planificación y la organización del trabajo lexicográfico; h) la conformación y delimitación de las reglas lexicográficas.



metalexiconografia. Cabe, agora, verificar que ramos teórico-metodológicos podem ser utilizados para uma coleta de dados propícia de se registrar o repertório linguístico pertencente ao falante.

## 2 DIALETOLOGIA E GEOLINGÜÍSTICA: A CIÊNCIA E O MÉTODO

A Dialetoлогия se constitui de uma ciência responsável por trabalhar a língua sob a égide da variação espacial e à antropologia, de modo a explicar a língua e sua interface com a cultura do falante.

O método mais presente de se estudar a língua nessa perspectiva espacial é através da Geografia Linguística, que usufrui da cartografia para analisar a língua diatopicamente. Assim, a Dialetoлогия passou a ser considerada não apenas como disciplina ou modelo de estudo descritivo dos limites da língua, mas como ciência que estuda a fala característica, seja através da inserção das realizações mais proeminentes no mapa, seja pela simples catalogação dessas realizações em modelos distintos de análise.

Os mapas, chamados na Geolinguística de cartas, permitem a catalogação de variantes diatópicas e diastráticas a partir de atlas linguísticos. Porém, a leitura desses atlas nem sempre ocorre com facilidade, uma vez que eles:

[...] Exigem agilidade de manusear e precisam ser consultados de pé em longas mesas limpas. Mas isso não impede o seu uso, porque se eles são construídos, sem pouco esforço, com mais trabalho e contrariedades do que seu uso agora requer,

é para alguma coisa, eu digo. Eu acho que, talvez por causa das partes interessadas, nem os estudiosos acadêmicos, nem os estudantes de doutoramento inexperientes podem se dar ao luxo de ignorá-los, embora estes tenham mais facilidades de organizá-los do que aqueles (SALVADOR, 1980, p. 56, tradução nossa).<sup>3</sup>

Nesse pensamento, Alvar (1982, p. 60) acredita que o estudo de cartas de um atlas linguístico possibilita uma análise da linguagem real, suscitando uma gama de análises distintas, inclusive sob a perspectiva lexicográfica, ratificando a ideia de Soriano (1932, p. 7) de que “a lexicografia, a fonética, a etimologia e a gramática histórica têm, na dialetoлогия, uma veia inesgotável para explorar” (tradução nossa).<sup>4</sup>

Na realidade, ao se deparar com ocorrências desconhecidas nos atlas linguísticos, costuma-se dirimir dúvidas sobre a pronúncia, a ortografia e o uso da lexia pouco utilizada, incluindo abordagens etimológicas, que podem auxiliar na compreensão do significado dessa lexia.

É, pois, através da palavra (lexia) que o indivíduo participa dos feitos que caracterizam a vida: sua insegurança, sua evolução e sua complexidade, e produções lexicográficas, como o dicionário, oferecem o adorno às palavras, mantendo-as imobilizadas e se perpetuando de geração em geração.

### 2.1 A ESTRUTURA DOS ATLAS LINGÜÍSTICOS SELECIONADOS

Pode-se dizer que o Nordeste está tentando se consolidar na tradição de construção de atlas linguísticos, considerando a extensão da maior

<sup>3</sup> [...] Requieren agilidad para su manejo y han de consultarse de pie, abiertos sobre largas mesas despejadas. Pero eso no exime de su utilización, porque si se han hecho, con no poco esfuerzo, con mayores ajetreos y sinsabores de los que su uso ahora requiere, es para algo, digo yo. Me parece —tal vez por ser parte interesada— que ni los doctos académicos ni los bisoños

doctorandos se pueden permitir el lujo de ignorarlos, aunque a los segundos les pueda resultar más fácil moverlos que a los primeros.

<sup>4</sup> La lexicografía, la fonética, la etimología y la gramática histórica tienen en la dialetoлогия un inagotable filón que explotar.



região do país, a despeito de o primeiro trabalho ter sido projetado e ter sido construído num de seus Estados, mas se confirmam, até o momento, apenas oito atlas de falares nordestinos, sendo um deles complemento do já existente trabalho sobre o falar do Estado de Sergipe.

Além do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) (ROSSI et al, 1963), já existem: o Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB) (ARAGÃO; MENEZES, 1983), o Atlas Linguístico de Sergipe (ALS I) (FERREIRA et al., 1987), o Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II) (CARDOSO, 2002), o Atlas Linguístico do Estado do Ceará (ALECE) (BESSA et al., 2010), o Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE) (SÁ, 2016) e o Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL) (BARBOSA-DOIRON, 2017). Os Estados do Maranhão, do Piauí e do Rio Grande do Norte possuem apenas estudos dialetais e, no caso do estado potiguar, há apenas um atlas de pequeno domínio, mas, nos três estados, os projetos de atlas estaduais ainda se encontram em fase de concretização.

Para a discussão em tela, serão aproveitados o Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB) e o Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE), cuja escolha se deve ao fato de serem estados limítrofes, o que oportuniza a verificação das congruências e divergências.

No estudo realizado na Paraíba, as autoras aplicaram inquéritos em 25 municípios para um total de 107 informantes entre 30 e 75 anos. *In totum*, foram aplicadas 877 questões, sendo 289 sobre aspectos gerais e 588 de cunho específico, relacionadas a atividades comuns ao Estado, como *mandioca, cana, agave, algodão e abacaxi*.

Dos três volumes propostos, apenas dois foram publicados, sendo o primeiro com as cartas fonéticas e léxicas. Das 209 cartas construídas, são 11 de identificação, 154 cartas fonéticas e léxicas e 44 cartas-resumo. Já o segundo volume apresenta aspectos

metodológicos que envolvem a caracterização dos informantes e os pontos de inquérito. Para melhor verificação, encontra-se no atlas a ficha usada para o inquérito e a análise dos aspectos fonéticos, morfossintáticos e lexicais ressaltados e catalogados em glossário no fim do volume.

Em Pernambuco, o autor investigou os fenômenos em 20 municípios distribuídos entre os quatro cantos do Estado, usando, para isso, os pressupostos metodológicos utilizados para a construção do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (CARDOSO et al, 2014) com quatro informantes selecionados em cada ponto, com idade variada entre 18 e 30 anos e 50 a 65 anos, pouca escolaridade e pouca ausência do local de nascimento, sendo, ainda, inquirido na capital o mesmo número de informantes com curso universitário. Foram, então, aplicadas 460 perguntas, sendo 420 retiradas dos questionários do ALiB referindo-se a temas gerais e 40 de temas específicos relacionados a *frevo, maracatu, renascença e barro*. Os resultados permitiram a construção de 111 cartas, das quais seis são introdutórias e mais 105 cartas linguísticas, divididas em 50 cartas fonéticas, 47 cartas semântico-lexicais e 8 cartas morfossintáticas.

### 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A proposta de análise metalexigráfica parte de um *corpus* constituído das variantes registradas na Paraíba e em Pernambuco quando foi perguntado aos informantes “como é conhecida a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar”, mantida no rol de questões pertencentes ao campo semântico comportamento e convívio social do ALiB com a resposta motivadora ‘sovina’. Os resultados a essa pergunta foram escolhidos tendo em vista o número considerado de variantes marcadas, embora parte delas também seja conhecida em outras regiões, o que torna mais apropriada a





análise de assimilação dos sinais dialetais específicos dos dois estados evidenciados.

Considerando as palavras de Biderman (2001, p. 135) ao chamar “qualquer fato linguístico (palavra, expressão, ou seu sentido) próprio de uma ou de outra variedade regional do português do Brasil” de ‘regionalismo’, distinguindo-se, portanto, da norma padrão, julga-se, então, conveniente agregar os registros lexicais encontrados nos atlas linguísticos à produção lexicográfica, na iminência de conseguir delinear marcas dialetais, retificar ou manter grafias e precisar a distribuição de sinônimos. Para isso, serão analisadas as denominações de *sovina* nos dicionários de Bluteau (1728), Pinto (1832), Figueiredo (1913), Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Michaelis (2015), de modo a verificar o que está lexicografado desde o século XVIII e se mantém como regionalismo nos tempos hodiernos.

A escolha das obras lexicográficas se deve ao número considerável de verbetes, o que pode auxiliar não apenas na delimitação das marcas regionais, mas conservar ou corrigir grafias, precisar a distribuição de sinônimos e entender as origens das variantes, a partir do que fora encontrado nos atlas linguísticos. Comunga-se, portanto, do que Zumbado e Dias (2002, p. 1219) afirmam:

Na lexicografia regional, o atlas tende a ser, por sua extensão e conteúdo, o repertório lexical mais amplo de que dispõe o dialetólogo e, portanto, fonte primária do vocabulário diferencial, que servirá como uma grande ajuda na criação de orações e suas variantes, as etimologias, significados e as marcas mais amplas.

Seguiram-se, pois, para a análise os procedimentos metodológicos, a saber:

1) Levantamento das denominações de *sovina* encontradas nos Atlas Linguísticos da Paraíba e de Pernambuco;

2) Organização das variantes nos dicionários selecionados, no intuito de verificar as visões enciclopédicas e diatópicas acerca de cada uma delas;

3) Confirmação das denominações encontradas nos dicionários e nos atlas linguísticos;

4) Exegese acerca das convergências e divergências verificadas na análise dos dados face ao registro nas obras lexicográficas.

## 4 ANÁLISE DIATÓPICA E METALEXICOGRÁFICA

As respostas para a pergunta sobre “a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar” podem ser conferidas no Quadro 1 (próxima página), a partir do registro de denominações nos dois atlas linguísticos consultados, além de assinalar em que dicionários elas estão registradas com o conceito para o item esperado (x), como itens com outros conceitos (OC) ou não se encontram dicionarizadas (ND).

No ALPB, estão registrados os itens lexicais *agarrado, amarrado, arrojado, chula, enforcado, fominha, fona, mesquinho, miserável, morto a fome, morto de fome, papagaio no arame, rezina, pica-fumo, somítico, sovina, tacanha, unha de fome e usurário*, enquanto no ALiPE, encontram-se catalogados apenas os itens *canguinha, mão fechada, mão-de-vaca, pão-duro e piranguero*.

Conforme o Quadro 1, apenas as denominações ‘econômico’ e ‘seguro’ são convergentes nos atlas da Paraíba e de Pernambuco. Os demais itens estão distribuídos separadamente.



Quadro 1 – Distribuição de variantes nos atlas da Paraíba e de Pernambuco e a sua dicionarização

ITENS LEXICAIS	ALPB	ALIFE	Bluteau (1728)	Pinto (1832)	Figueiredo (1913)	Houaiss (2009)	Ferreira (2010)	Michaelis (2015)
Agarrado	x		OC	OC	x	x	OC	x
Canguinha		x	ND	ND	x	x	ND	x
Fominha	x		ND	ND	ND	x	ND	x
Fona	x		ND	x	x	x	ND	x
Mão fechada		x	ND	ND	ND	x	ND	x
Mão-de-vaca		x	ND	ND	ND	x	ND	ND
Mesquinho	x		OC	x	x	x	x	x
Miserável	x		x	x	x	x	x	x
Pão-duro		x	ND	ND	ND	x	x	x
Pica-fumo	x		ND	ND	x	x	ND	x
Seguro	x	x	OC	OC	OC	x	x	x
Somítico	x		ND	ND	x	x	x	x
Sovina	x		x	x	x	x	x	x
Tacanha	x		x	x	x	x	x	x
Unha de fome	x		ND	ND	x	x	x	ND
Usurário	x		OC	OC	x	x	x	x

Fonte: organização do autor

Na Paraíba, as variantes que mais se distribuíram no Estado foram: *agarrado*, *amarrado*, *econômico*, *mesquinho*, *seguro* e *sovina*. As demais denominações foram menos difundidas, algumas das quais tiveram registros em um único ponto de inquérito, como *unha de fome* (ponto 1 – João Pessoa), *chula* (ponto 3 – Belém), *fominha* (ponto 5 – Itabaiana), *miserável* (ponto 13 – Taperoá), *papagaio no arame* (ponto 16 – Monteiro) e *rezina* (ponto 20 – Pombal).

Já no caso de Pernambuco, enquanto *canguinha* se restringiu a três pontos do

Sertão: 1 – Afrânio, 2 – Petrolina e 3 – Santa Maria da Boa Vista), *pirangueiro* foi registrada em sete pontos selecionados entre os limites do Agreste à Região Metropolitana do Recife. As demais respostas se distribuíram em toda a extensão do estado.

Após a consulta aos dicionários, percebeu-se que os itens *amarrado*, *arrochado*, *chula*, *econômico*, *enforcado* e *pirangueiro* não se



constituem variantes<sup>5</sup> que remetam à acepção de ‘pessoa sovina’ em nenhuma das obras consultadas, motivo pelo qual esses itens foram excluídos do Quadro 1. Contudo, é possível

verificar os conceitos que as denominações detêm e confirmar a divergência a partir do Quadro 2:

Quadro 2 – Denominações com conceitos não relacionados à pessoa sovina

Denominação <sup>6</sup>	Conceito	Dicionários
Amarrado	preso com amarra	Bluteau (1728); Figueiredo (1913); Houaiss (2009)
	obstinado	Pinto (1832)
Arrochado	muito apertado	Bluteau (1728); Figueiredo (1913); Ferreira (2010); Houaiss (2009)
Chula	que possui velhacaria	Bluteau (1728)
	grosseira	Pinto (1832); Figueiredo (1913); Ferreira (2010); Houaiss (2009); Michaelis (2015)
Econômico	moderado nos gastos	Bluteau (1728); Figueiredo (1913); Ferreira (2010); Houaiss (2009); Michaelis (2015)
Enforcado	suspenso pelo pescoço	Bluteau (1728); Figueiredo (1913); Ferreira (2010)
	endividado	Houaiss (2009); Michaelis (2015)
Pirangueiro	desprezível	Figueiredo (1913); Houaiss (2009); Michaelis (2015)

Fonte: organização do autor

Em se tratando de brasileirismos ou regionalismos, constam nos dicionários notas de pouquíssimas denominações. Itens como *mão-de-vaca*, *pão-duro* e *unha-de-fome* são considerados brasileirismos em Houaiss (2009).

Nada obstante, em Figueiredo (1913), a denominação *pica-fumo* está registrada como *pica-fumo* e apresenta nota que a considera um regionalismo do Nordeste. De modo mais específico, em Michaelis (2015), a denominação *rezina* é classificada como regionalismo do Ceará. Esse dicionário classifica, ainda, itens *fominha*, *seguro* e *usurário* como verbetes coloquiais.

Verifica-se, então, ao final da análise das denominações para *sovina*, poucas divergências entre os dados dos atlas linguísticos da Paraíba e de Pernambuco e os dicionários publicados a partir do século XX, usados para o estudo lexicográfico em tela. Antes disso, percebeu-se que apenas os itens *tacanho* e *miserável* são registrados em Bluteau (1728), enquanto, em Pinto (1832), aumenta o número de itens com conceito semelhante, acrescentando-se *fona*, *mesquinho* e a primeira referência ao item motivador *sovina*. A partir de Figueiredo (1913), depreende-se grande parte das denominações e as referências aos brasileirismos e regionalismos, mesmo limitadamente, já são evidentes. Isso ratifica a

<sup>5</sup> As denominações *morto a fome*, *morto de fome* e *papagaio no arame*, registradas em pontos de inquérito do ALPB, não se encontram dicionarizadas em Bluteau (1728), Pinto (1832), Figueiredo (1913), Houaiss (2009),

Ferreira (2010) e Michaelis (2015), por isso não constam no quadro 2.

<sup>6</sup> Em alguns dicionários, não houve registros dessas denominações.





necessidade de atualização dos dicionários no tocante às variantes não lexicografadas e, sobretudo, na confirmação dos limites territoriais onde as marcas linguísticas são evidenciadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta para este trabalho parte da necessidade de amalgamar a lexicografia e a metalexicografia aos estudos dialetais, cujos dados surgem de documentos de descrição linguística de cunho diatópico chamados de atlas linguísticos.

Para tanto, foram usados os atlas linguísticos da Paraíba e de Pernambuco, dos quais foram selecionadas as cartas léxicas com as variantes para *sovina*, conceituada como a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar.

Após catalogar as denominações dos dois trabalhos, foram usados os dicionários Bluteau (1728), Pinto (1832), Figueiredo (1913), Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Michaelis (2015) para verificar se os verbetes que registram são consensuais com os atlas linguísticos e se possuem acepções semelhantes.

Verificou-se que a maioria das denominações catalogadas se encontra dicionarizada em, pelo menos, uma das obras, e poucas possuem acepções divergentes ao conceito de *sovina*. No entanto, essas obras lexicográficas ainda carecem de uma atualização quanto às caracterizações diatópicas, haja vista o fato de as notas enciclopédicas fazerem maior referência à extensão de sentido ou à coloquialidade.

Confirma-se que a língua evolui através dos tempos; criam-se palavras e se arcaizam outras tantas, reforçando, então, que ela nunca foi e nunca será homogênea. Cabe, portanto, aos dialetólogos e aos lexicógrafos a tarefa de

manterem, juntos, essa língua consignada em atlas linguísticos e dicionários.

## REFERÊNCIAS

- ALVAR, Manuel. *Atlas lingüísticos y diccionarios*. LEA, IV. Madrid, 1982, p. 253-323.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleuza Palmeira Bezerra de. *Atlas lingüístico da Paraíba*. Brasília: Universidade Federal da Paraíba, 1984.
- DOIRON, Maranúbia Pereira Barbosa. *Atlas Lingüístico do Estado de Alagoas*. Tese de doutorado. Londrina: UEL, 2017.
- BESSA, José Rogério F. et al. *Atlas lingüístico do Ceará*. Fortaleza: UFC, 2010.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Teoria Lingüística*. São Paulo: Martins Fontes.2001.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v.
- BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à Lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003.
- CARDOSO, Suzana A. M. *Atlas lingüístico do Brasil (ALiB)*. Projeto. Salvador: UFBA, 1998.
- CARDOSO, Suzana A. M. *Atlas lingüístico de Sergipe II*. Tese de doutorado - UFRJ. Rio de Janeiro: 2002.
- CARDOSO, Suzana A. M. et al. *Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB)*. Vol. 1 e 2. Londrina: EDUEL, 2014.
- CASARES, J. *Introduccion a la lexicografia moderna*. 3 ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.
- FAJARDO, A. *Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica em la lexicografia*



espanõla. *Revista de Lexicografia*. v.3, , 1996-1997. p. 31-57.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio*. 5.<sup>a</sup> ed., Curitiba: Melhoramentos, 2010.

FERREIRA, Carlota da S. et al. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA; Aracaju: Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa [Portugal]: Livraria Clássica, 1913.

HOUAISS, A. et al. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ISQUERDO, A. N. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. v. 3. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 193-208.

MICHAELIS. *Dicionário Escolar Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2015.

MORKOVKIN, Valeriy V. Fundamentos teóricos de la lexicografía docente contemporánea. *Actas el IV Congreso Internacional. EURALEX 90*, 1992, p. 359 - 368.

PINTO, Luís Maria da Silva. *Dicionário da Língua Brasileira*. Ouro Preto: Tipografia de Silva, 1832.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SÁ, Edmilson José de. *Atlas linguístico de Pernambuco*. São Paulo: Ixtlan, 2016.

SALVADOR, G. *Lexicografía y geografía lingüística*. REL, 10,1 1980, p. 138-144.

SORIANO, J. García. *Vocabulario del dialecto murciano*. Murcia: Editora Regional, 1980, edición facsímil de la primera, Madrid, 1932.

ZUMBADO, Cristóbal José Corrales; DÍAZ, Dolores CORBELLA, “EI ALEICan en los diccionarios”, AFA, LIX-LX, 2002-2004, In: CASTAÑER, Rosa Maria; ENGUITA, José Maria (eds.) *Archivo de filología aragonesa*. In memoriam Manuel Alvar. p. 1203-1222.

#### Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SÁ, E. J. Denominações para sovina nos Atlas Linguísticos de Pernambuco e da Paraíba: uma análise diatópica e metalexigráfica baseada em dicionários produzidos a partir do século XVIII. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 111-120, 2019.